

UNICAMP

PERCEPÇÕES E INFORMAÇÕES DE MÃES USUÁRIAS DE UM HOSPITAL ESCOLA A RESPEITO DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL E AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA PERDA AUDITIVA NA 1ª INFÂNCIA.



Fga. Thaís Melo Seksenian, Profª Drª Tereza Ribeiro de Freitas Rossi

thamseksenian@gmail.com, terezafr@fcm.unicamp.br

Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto (CEPRE), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-887, Campinas, SP, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

- A experiência sensorial é de extrema importância para o desenvolvimento do sistema nervoso central, pois o indivíduo precisa receber os estímulos sonoros para ocorrer a maturação do sistema auditivo⁽¹⁾.
- A incidência da surdez infantil é alta (30:10.000 nascimentos) dentre as doenças passíveis de triagem ao nascimento, sendo 100 vezes mais prevalente do que a fenilcetonúria e dez vezes mais que o hipotireoidismo, rotineiramente triados em berçários⁽²⁾.
- A Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU), também conhecido como “teste da orelhinha” compreende a realização de procedimentos comportamentais e eletrofisiológicos para a identificação da surdez, não é um procedimento de diagnóstico, mas sim uma forma de identificar, entre indivíduos assintomáticos, aqueles que são suspeitos de possuírem doença e que requerem procedimentos de diagnósticos mais elaborados⁽²⁾.

O modelo recomendado da Triagem Auditiva Neonatal pode ser observado através da figura 1 abaixo:

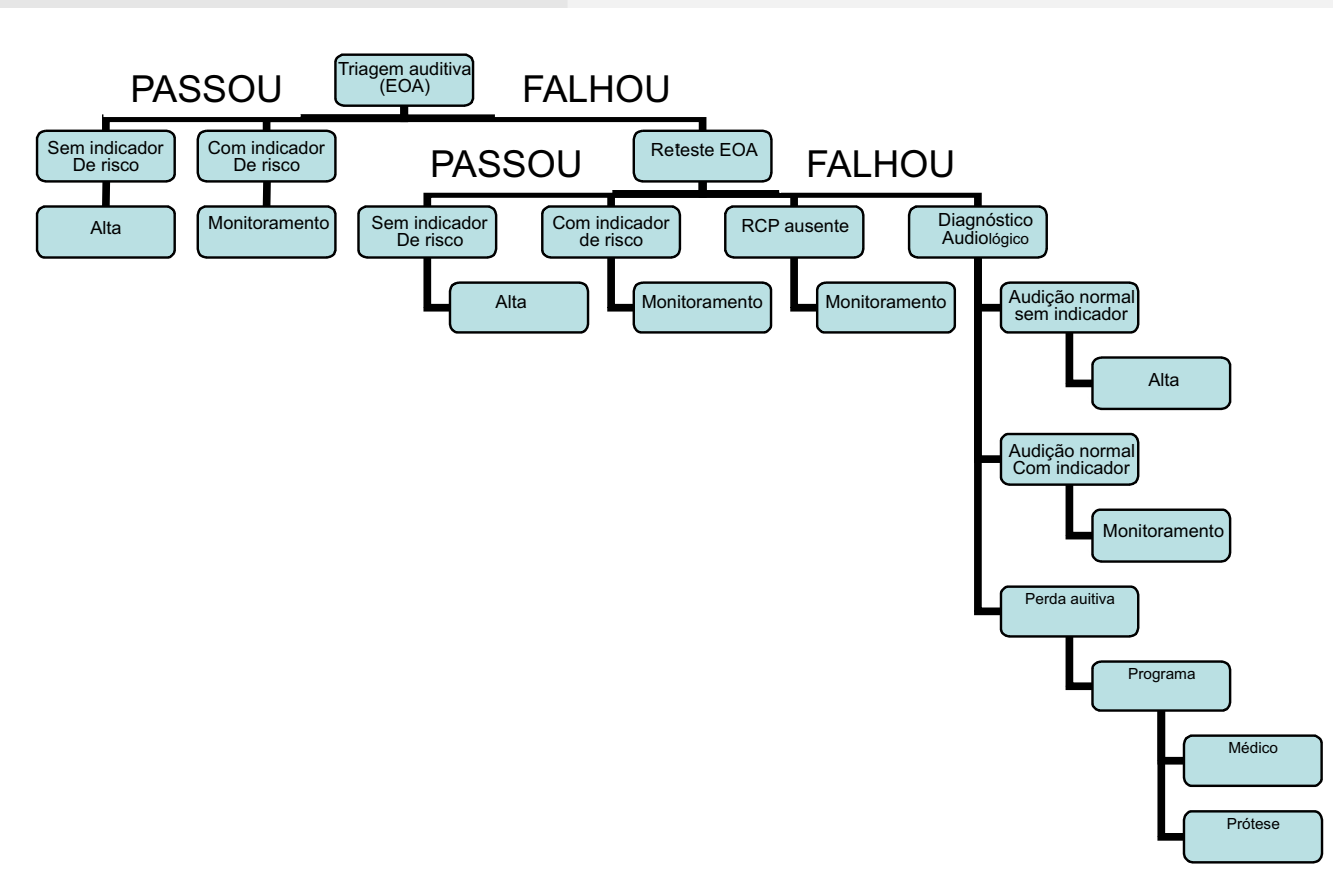


Figura 1: Fluxograma da Triagem Auditiva

- O alto índice de **evasão** nos programas de triagem auditiva é considerado o principal empecilho para o sucesso destes programas⁽³⁾.
- A surdez infantil pode ser considerada atualmente um problema de Saúde Pública devido à sua elevada prevalência e às consequências que acarreta.

2. OBJETIVO

Investigar o que mães conhecem da problemática surdez, suas consequências e também a respeito da Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU), conhecida popularmente como Teste da Orelhinha.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Foram sujeitos do presente estudo, 30 mães (maiores de 18 anos de idade) de recém-nascidos vindos do Centro de Atendimento Integral à Saúde da Mulher (CAISM / UNICAMP) do Alojamento Conjunto que foram encaminhados e agendados para o Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto” (CEPRE / UNICAMP) para a realização do “Teste da Orelhinha”.

Na figura abaixo observam-se as etapas pelas quais as mães passaram antes da realização do referido exame.

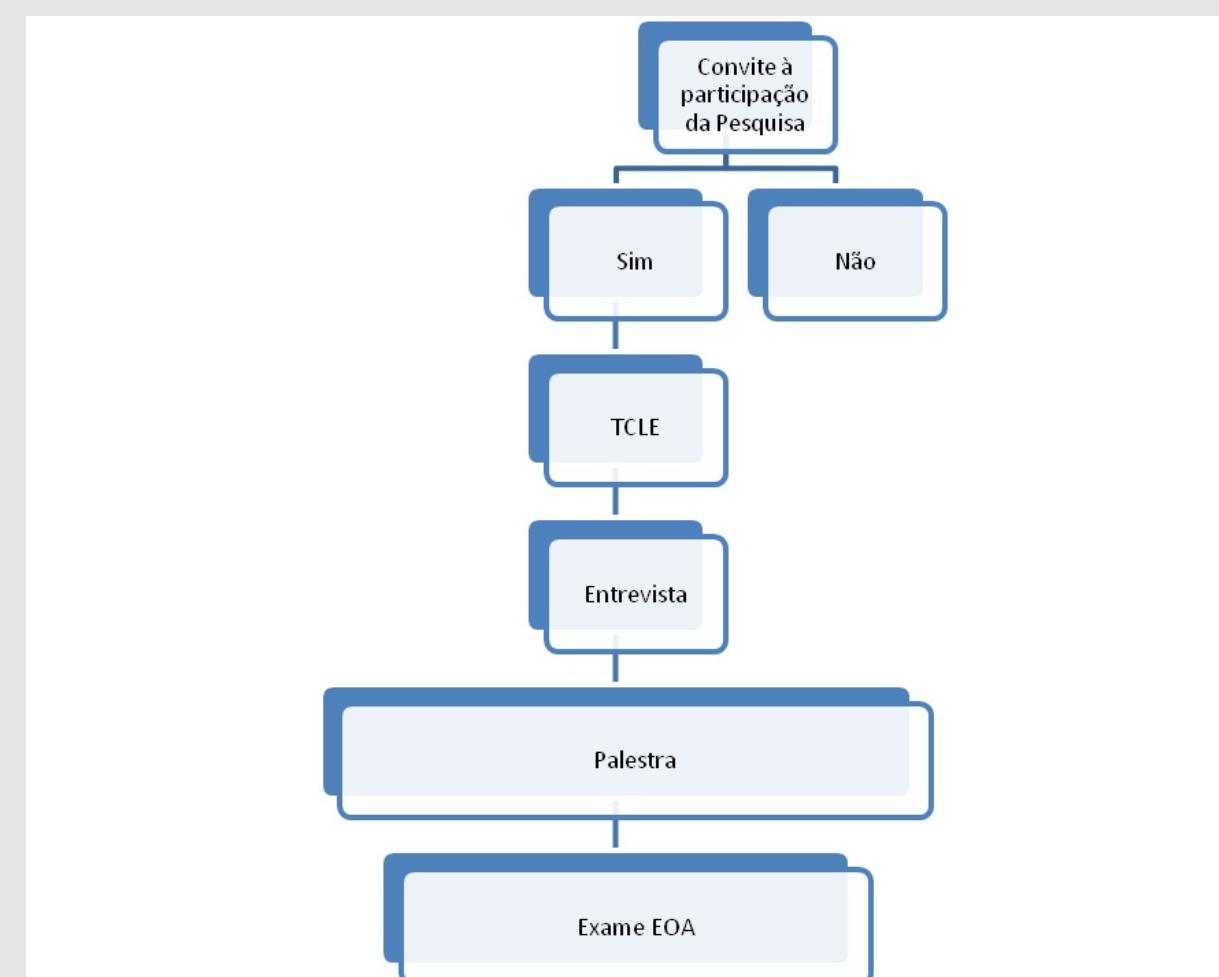


Figura 2 - A entrevista foi conduzida através de um roteiro composto de questões abertas e foram registradas em um aparelho de MP3 player.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas entrevistas com mães de lactentes vindas do Alojamento Conjunto do CAISM no período entre 24 de agosto à 23 de junho de 2009.

A entrevista era composta pelas seguintes perguntas:

- O que você sabe sobre o Teste da Orelhinha? Conhece alguém que fez? Por que trouxe seu filho para fazer o teste?
- O que você sabe sobre a perda auditiva na infância?
- Como acontece a comunicação entre pais e filho, se esse filho não escutar?
- Você acha importante seu filho passar pelo Teste da Orelhinha? Por quê?

Como você se sente ao saber que seu filho vai passar pelo Teste da Orelhinha?



Figura 3

Sobre do motivo pelo qual a mãe trouxe o filho ao CEPRE para a realização do exame, foi possível observar que as mães chegaram ao serviço sem nenhum tipo de informações a respeito da **importância** do referido teste, trazendo o filho apenas porque recebeu o papel na alta hospitalar e que exame era obrigatório.

Em 10% das respostas indicaram valorização da fala do médico com expressões tais como:

- (sujeito 9) “Porque a médica mandou”;
- (sujeito 24) “Trouxe porque foi chamado, entregaram lá o papel. Tudo o que sai de pedido do médico é importante, né?”.

Em estudo realizado por Monteiro et. al (2009) foi observado que o médico é o profissional a quem as mães recorrem quando percebem o problema auditivo. Neste sentido, os pais quando suspeitam de qualquer alteração auditiva em seu filho, frequentemente procuram os médicos, que foram considerados pelo estudo como os profissionais “chave” para o futuro processo de desenvolvimento de estratégias de intervenção.

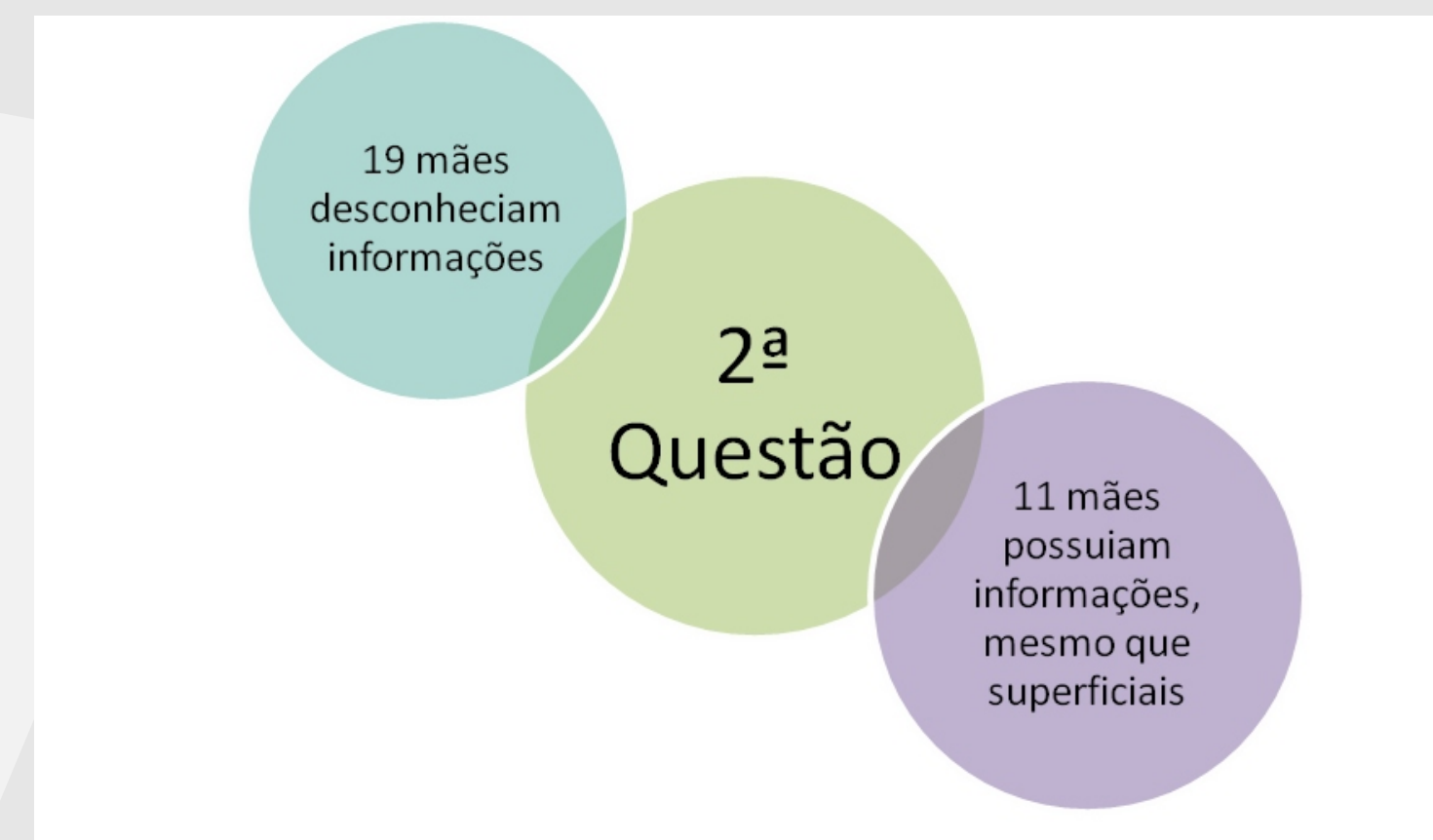


Figura 4

Alguns relatos: (sujeito 4) “nada, eu não sei dizer, porque eu não tenho contato com pessoas que perdem a audição” e (sujeito 8) “Ai ... sei bem pouco assim, não vou saber te explicar muito, eu sei que tem que ser tratado mesmo e quanto antes melhor”.

No que se refere à 3ª questão:



Figura 5

Para exemplificar, podemos ressaltar algumas respostas dadas: (sujeito 8) “acho que com gestos”; (sujeito 27) “ia fazer algum gesto”, em contrapartida outras mães responderam: (sujeito 7) “acho que ia ficar desesperada, ia procurar um médico para saber o que ta acontecendo”; (sujeito 22) “não faço a mínima idéia, teria que fazer um curso”.

Silva et. al (2007) em seu estudo realizado com mães ouvintes e filhos surdos concluiu que a escolha da modalidade de linguagem que será privilegiada na interação mãe ouvinte-criança surda vai depender do conhecimento que a família tem da surdez e da expectativa que constrói em relação ao filho surdo.

Pelo fato da mãe ser ouvinte, segundo tais autoras, é esperado que a fala seja privilegiada, no que se constitui a forma habitual de interação na sociedade ouvinte. No entanto, à medida que a interação vai acontecendo, a representação que a mãe vai fazendo das potencialidades lingüísticas do seu filho vai determinar a modalidade que será usada na interação com o filho, se oral ou gestual.

No que se refere à 4ª questão, as 30 respondentes (100% das mães) consideram importante a realização do teste da orelhinha e foi possível observar através das respostas que 40% (12 mães) relacionaram a importância do teste com problemas futuros que o filho poderia vir a ter se fosse surdo, e neste sentido, relataram que se soubessem sobre a perda dele quando pequeno, saberiam melhor como tratá-lo.

No que se refere à 5ª questão:



Figura 6

Exemplos de respostas foram: (sujeito 13) “dá medo de dar alguma coisa, né?!”; (sujeito 14) “eu fico aliviada, eu sei que ele vai passar, que ele vai ser avaliado, fico mais tranquila”; (sujeito 15) “segurança e otimismo, saber que vai ocorrer tudo bem, e se não ocorrer, que vai ter algum tratamento desde o início”.

5. CONCLUSÃO

Apesar da existência de um decreto (nº. 14.640, de 16/02/2004 que regulamentou a Lei nº. 10.759), que dispõe da obrigatoriedade da realização de exames que detectem a surdez ou alterações correlatas nas maternidades e estabelecimentos hospitalares, em Campinas, as mães comparecem ao CEPRE para a realização do teste sem conhecer a importância do mesmo para o desenvolvimento infantil.

Os dados nos conduziram à reflexão acerca do que é informado às mães a respeito do teste na entrega do encaminhamento pelos profissionais da saúde. Observou-se que o médico, considerado a autoridade máxima da saúde não é questionado sobre o exame pelas mães, pois através dos relatos parece que simplesmente elas o obedecem e trazem seu filho para realização do teste.

Desta forma, observasse a necessidade da implementação das informações sobre o Teste da Orelhinha no período do Pré - Natal, em que seriam enfatizadas algumas questões, como: A importância da audição, como o teste é realizado e as consequências da perda auditiva na 1ª infância.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berni OS, Almeida EOC, Amado BCT, Filho NA. Triagem Auditiva Neonatal Universal: Índice de Efetividade no Reteste de Neonatos de um Hospital da Rede Pública de Campinas. Rev CEFAC. 2010; 12(1): 122-127.
- Soares CP, Marques LR, Flores NGC. Triagem Auditiva Neonatal: Aplicabilidade Clínica na rotina dos médicos pediatras neonatologistas. Rev CEFAC. 2008, 10(1): 110-116. (5)
- Tochetto TM, Petry T, Gonçalves MS, Silva ML, Pedrosa FS. Sentimentos Manifestados por mães frente à Triagem Auditiva Neonatal. 2008; 10(4): 566-571. (10)
- Monteiro CFS, Caldas JMS, Leão NCM, Soares MR. Suspeita da perda auditiva por familiares. Rev. CEFAC, vol. 11, nº. 3, Jul/Set; 2009.
- Silva ABP, Pereira MCC, Zanolli ML. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. Psic.: Teor. e Pesq. 2007; 23(3): 279-286.

